

## “História sem fim” ou como um literato pensa a história

“Histoire sans fin” ou comment un littéraire pense à l'histoire

Alanna de Jesus Teixeira<sup>1</sup>

### Resumo

Nesta pesquisa investigo o romance *L'île des pingouins* escrito por Anatole France (1844-1924), procurando identificar como o autor lida com questões pertinentes ao campo da historiografia, ao mesmo tempo em que elabora uma crítica ao conhecimento histórico de acordo com o paradigma do final do século XIX. A obra faz parte do período de maturidade do escritor e demonstra capacidade de representação de questões não só discutidas no início do século XX, mas que contavam com o envolvimento pessoal de France, como o Caso Dreyfus, a discussão entre a separação da Igreja e do Estado, a aproximação da Primeira Guerra e do avanço do socialismo.

**Palavras-chave:** Anatole France. Literatura. Temporalidade.

### Résumé

Dans cette recherche, j'étudie le roman *L'île des pingouins* écrit par Anatole France (1844-1924), cherchant à identifier comment l'auteur traite des questions relevant du domaine de l'historiographie tout en élaborant une critique du savoir historique selon le paradigme de la fin du XIXe siècle. L'œuvre fait partie de la période de maturité de l'écrivain et démontre sa capacité à représenter des sujets non seulement discutés au début du XXe siècle, mais qui reposaient sur l'engagement personnel de France, comme l'Affaire Dreyfus, la discussion entre la séparation de l'Église et État, l'approche de la première guerre et l'avancée du socialisme.

**Mots-clés:** Anatole France. Littérature. Temporalité.

### *O literato e a história*

Nesta pesquisa investigo o romance *L'île des pingouins* escrito por Anatole France (1844-1924), procurando identificar como o autor lida com questões pertinentes ao campo da historiografia, ao mesmo tempo em que elabora uma crítica ao conhecimento histórico de acordo com o paradigma do final do século XIX. A obra faz parte do período de maturidade do escritor e demonstra capacidade de representação de questões não só discutidas no início do século XX, mas que contavam com o envolvimento pessoal de France, como o Caso Dreyfus, a discussão entre a separação da Igreja e do Estado, a aproximação da Primeira Guerra e do avanço do socialismo.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História (UFRGS), Mestra em História (UFRGS); e-mail: alanna.teixeira@ufrgs.br

Publicado em 1908, *L'île des pingouins* é um dos livros mais estudados e comentados de Anatole France. Um dos motivos de seu reconhecimento é a figuração do Caso Dreyfus no capítulo "*L'affaire des quatre-vingt mille bottes de foin*" do romance.<sup>2</sup> Para além do Caso, o que mais chama a atenção no romance é sua forma que simula um livro de história, apresentando uma divisão bastante "tradicional", dividido em eras: as origens, os tempos antigos, a idade média, a renascença, os tempos modernos e, curiosamente, os tempos futuros. France utiliza de uma narrativa satírica ao tratar da história da ilha dos pinguins para representar, na verdade, uma metáfora da história da França e mesmo do Ocidente, uma "parodie furieuse du passé et du présent" (BANCQUART, 1994, p. 81).

Além de ironizar a própria história europeia, o autor satiriza os métodos da *Nouvelle Sorbonne*, conforme aponta Marie-Claire Bancquart (BANCQUART, 1994, p. 163). O narrador da história se apresenta como o historiador que realizou uma longa pesquisa e agora apresenta as memórias da "ilha dos pinguins", tratando-se do objetivo de sua vida. Tudo começa com um grupo de aves que fora batizado por engano por São Maël e, para consertar o erro do santo, foram transformados em humanos por Deus. Assim, saindo "de la zoologie pour entrer dans l'histoire et dans la théologie" (FRANCE, 1909, p. V), os pinguins criam uma civilização que passa por diversos estágios até chegar na fase capitalista do início do século XX. France vai mostrar os traços que acompanham as civilizações ao longo de seu desenvolvimento considerando os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, e dando especial atenção ao caráter violento desses "avanços". A sociedade dos pinguins atinge seu ápice com o pleno desenvolvimento do capitalismo, esbanjando a riqueza de poucos e a miséria de muitos. A partir daí, com os "os tempos futuros", as cidades abarrotadas de pessoas, seus proletários e suas indústrias, edifícios gigantescos e o ar poluído, o futuro dos pinguins é sombrio. France apresenta um grupo de anarquistas que literalmente detona toda a capital de Alca, transformando a

---

<sup>2</sup> O oficial do exército francês, Alfred Dreyfus, de origem judaica, foi acusado em 1894 de espionagem a favor da Alemanha e condenado ao degredo na Ilha do Diabo, localizada na Guiana. Anatole France fez parte do grupo dos *dreyfusards* a favor da revisão do processo judicial que condenou Dreyfus. Posteriormente o processo foi considerado fraudulento e Dreyfus inocentado em 1906.

Pinguínia em ruínas. De volta aos tempos primitivos, a sociedade evoluiria novamente no mesmo caminho de volta às ruínas pós-capitalistas, numa história sem fim.

A forma como Anatole France tece a história dos pinguins e apresenta sua narrativa por meio de uma sátira historiográfica, demonstra o caráter crítico de *L'île des pingouins*. Como aponta Pauline Bruley,

L'île des Pingouins est de la veine d'un *Ubu roi*, qui serait composé dans le style du Dictionnaire philosophique. Dans cette parodie de l'histoire de France, parue en 1908, le fil rouge est une imposture généralisée, tant chez les acteurs de l'histoire que chez les historiographes (BRULEY, 2011, p. 143).

As imposturas no livro estão voltadas tanto na recusa de uma história cristã, que se manifesta especialmente nos mitos de origens dos povos, quanto à historiografia dita “positivista”, no seu “culto” aos documentos. Essa historiografia do século XIX, marcadamente progressiva e linear, formada dentro do regime moderno de historicidade, será outro elemento criticado dentro do romance por Anatole France. François Hartog ajuda a pensar o papel da literatura dentro do regime moderno, atuando fora dos marcos da historiografia profissional:

Regime moderno de historicidade e romance andam [...] de mãos dadas? Sim e não [...]. Sim, pois tudo começa por essa experiência irrefutável e comum das sociedades europeias tomadas por um novo tempo. E não, pois a literatura concentrar-se-á de preferência nas fissuras do regime moderno, em captar seus fracassos, apreender a heterogeneidade das temporalidades em curso, para daí extrair um dispositivo dramático e a ocasião de um questionamento da ordem do mundo (HARTOG, 2017a, p. 128).

Ao mesmo tempo em que o romance faz parte do regime moderno, apresenta suas fissuras ao analisar as condições desse regime de prosperar. É preciso lembrar que ao longo do século XIX e parte do XX historiadores e romancistas negociaram com o regime moderno, muitas vezes favorecendo as falhas e discordâncias de temporalidades (HARTOG, 2016).

Utilizando a expressão de Hartog, Anatole France parece querer “vacinar” seus contemporâneos a respeito do futuro que pode se desenrolar em um horizonte

catastrófico a partir da experiência histórica contemporânea ponderada por ele. É preciso lembrar que esse regime futurista moderno olha a partir futuro na tentativa de iluminar o presente e explicar o passado, guiando as experiências históricas para que os homens soubessem o caminho já percorrido e o que ainda precisava ser realizado (HARTOG, 2016). As histórias nacionais modernas foram escritas a partir desse modelo, satirizado, inclusive pelo seu método, em *L'île des pingouins*. A ideia de sátira é importante para entender a crítica de France exercida por meio da ironia, que dá a tônica em quase todos os seus romances. A crença na História (construída mediante seus métodos) e em história, apontada para um futuro feliz, cai por terra no romance. O capítulo final é um exemplo importante, em que estão representadas explosões organizadas por anarquistas que se insurgem contra o estágio capitalista a que a Pinguínia havia chegado e à aceleração temporal decorrente. Mais uma vez, há uma descrença de France no homem e sua capacidade de lidar com os avanços científicos e promover progressos na humanidade de fato. Sua natureza, afinal, sempre será animal, e a violência sua característica principal.<sup>3</sup> Veremos a seguir como o romance arranja esses debates e acomoda a história da França na pequena ilha dos pinguins.

### *Uma história a partir do sumário*

Uma boa maneira de nos aproximarmos inicialmente do romance é analisando com atenção seu sumário. Façamos isso:

PREFACE

LIVRE PREMIER

LES ORIGINES

CHAPITRE I<sup>er</sup>. — Vie de saint Maël.

II. — Vocation apostolique de saint Maël

III. — La tentation de saint Maël

---

<sup>3</sup> Há uma metáfora no romance para isso: os pinguins, após serem transformados por Deus em homens, mantém ainda algumas características físicas das aves. Ou seja, para eles nunca será possível desfazer-se de sua condição primitiva de animal e civilizar-se por completo.

- IV. — Navigation de saint Maël sur l'océan de Glace
- V. — Baptême des pingouins
- VI. — Une assemblée au Paradis
- VII. — Une assemblée au Paradis (*suite et fin*)
- VIII. — Métamorphose des pingouins

## LIVRE II

### LES TEMPS ANCIENS

CHAPITRE I<sup>er</sup>. — Les premiers voiles

- II. — Les premiers voiles (*suite et fin*)
- III. — Le bornage des champs et l'origine de la propriété
- IV. — La première assemblée des États de Pingouinie
- V. — Les noces de Kraken et d'Orberose
- VI. — Le dragon d'Alca
- VII. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- VIII. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- IX. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- X. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- XI. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- XII. — Le dragon d'Alca (*suite*)
- XIII. — Le dragon d'Alca (*suite et fin*)

## LIVRE III

### LE MOYEN ÂGE ET LA RENAISSANCE

CHAPITRE I<sup>er</sup>. — Brian le Pieux et la reine Glamorgane

- II. — Draco le Grand. — Translation des reliques de sainte Orberose
- III. — La reine Crucha
- IV. — Les lettres: Johannès Talpa
- V. — Les arts: les primitifs de la peinture pingouine
- VI. — Marbode
- VII. — Signes dans la lune

## LIVRE IV

### LES TEMPS MODERNES

#### TRINCO

CHAPITRE I<sup>er</sup>. — La Rouquine

- II. — Trinco
- III. — Voyage du docteur Obnubile

## LIVRE V

### LES TEMPS MODERNES

#### CHATILLON

CHAPITRE I<sup>er</sup>. — Les révérends pères Agaric et Cornemuse

- II. — Le prince Crucho
- III. — Le conciliabule
- IV. — La vicomtesse Olive
- V. — Le prince des Boscénos
- VI. — La chute de l'émiral
- VII. — Conclusion

LIVRE VI

LES TEMPS MODERNES

L'AFFAIRE DES QUATRE-VINGT MILLE BOTTES DE FOIN

CHAPITRE I<sup>er</sup>. — Le général Greatauk, duc du Skull

II. — Pyrot

III. — Le comte de Maubec de la Dentdulynx

IV. — Colomban

V. — Les révérends pères Agaric et Cornemuse

VI. — Les sept cents pyrots

VII. — Bidault-Coquille et Maniflore. Les socialistes

VIII. — Le procès Colomban

IX. — Le père Douillard

X. — Le conseiller Chaussepied

XI. — Conclusion

LIVRE VII

LES TEMPS MODERNES

MADAME CÉRÈS

CHAPITRE I<sup>er</sup>. — Le salon de madame Clarence

II. — L'œuvre de Sainte-Orberose

III. — Hippolyte Cérés

IV. — Le mariage d'un homme politique

V. — Le cabinet Visire

VI. — Le sofa de la favorite

VII. — Les premières conséquences

VIII. — Nouvelles conséquences

IX. — Dernières conséquences

L'APOGÉE DE LA CIVILISATION PINGOUINE

LIVRE VIII

LES TEMPS FUTURS

L'HISTOIRE SANS FIN

§ I. — *On ne trouvait jamais les maisons assez hautes...*§ II. — *Dans la partie sud-ouest de la ville...*§ III. — *À compter de ce jour les attentats...*§ IV. — *Les autres villes de la fédération...*

(FRANCE, 1909, p. 417-419).

Como podemos ver, a história dos pinguins é apresentada de forma progressiva e linear. Começando pelas origens, o narrador expõe os mitos que fundaram a Pinguínia: a viagem do santo Maël, levado pelo Diabo (disfarçado) a navegar por mares próximos à Bretanha até chegar a uma ilha desconhecida, habitada por pinguins. O santo, não reconhecendo as aves, devido ao gelo e a forte luz sobre os seus olhos, identifica nelas

homens vivendo em pleno estado de natureza e paganismo, e decide realizar sua vocação apostólica batizando-os e evangelizando-os:

- Habitants de cette île, leur dit-il, quoique vous soyez de petite taille, vous semblez moins une troupe de pêcheurs et de mariniers que le sénat d'une sage république. Par votre gravité, votre silence, votre tranquille maintien, vous composez sur ce rocher sauvage une assemblée comparable aux Pères-Conscrits de Rome délibérant dans le temple de la Victoire, ou plutôt aux philosophes d'Athènes disputant sur les bancs de l'Aréopage. Sans doute, vous ne possédez ni leur science ni leur génie; mais peut-être, au regard de Dieu, l'emportez-vous sur eux. Je devine que vous êtes simples et bons. En parcourant les bords de votre île, je n'y ai découvert aucune image de meurtre, aucun signe de carnage, ni têtes ni chevelures d'ennemis suspendues à une haute perche ou clouées aux portes des villages. Il me semble que vous n'avez point d'arts, et que vous ne travaillez point les métaux. Mais vos coeurs sont purs et vos mains innocentes. Et la vérité entrera facilement dans vos âmes (FRANCE, 1909, p. 21-22).

Vemos como a origem dessa história é marcada pela presença de figuras da tradição cristã, como santos, o Diabo e, como veremos a seguir, pelo próprio Deus. Os elementos cristãos são acentuados em várias obras de Anatole France, que as utiliza para tecer suas críticas à Igreja e à moral católica que, em seu ponto de vista, aprisionam o homem. A presença do Diabo pode representar o lado humano que não admite suas falhas, e as transfere para uma figura que concentra o mal, eximindo-se da culpa pelos descaminhos da própria humanidade. Além disso, o Diabo sempre incorpora a figura de um religioso na história, como os padres Samson, Magis e Régimental, disfarçando-se para desviar os homens do melhor caminho, o que indica também a corrupção dos indivíduos ligados ao sacerdócio, na visão reiterada de France.

A única forma de remediar o engano do santo Maël ao batizar os pinguins foi concedendo, a partir de uma assembleia no céu, uma transformação das aves em homens. A aprovação dessa mutação não aconteceu sem grande debate entre vários santos, como São Patrício, Santo Agostinho, Santa Catarina e Deus, que teria a palavra final. A solução foi dada por Santa Catarina ao sugerir que lhes fossem concedidas cabeças e busto humanos, e uma alma imortal para que o sacramento do batismo pudesse ser válido. E assim foi decidido:

- N'en délibérons plus [...]. Ces oiseaux seront changés en hommes. Je prévois à cela plusieurs inconvénients. Beaucoup entre ces hommes se donneront des torts qu'ils n'auraient pas eus comme pingouins. Certes, leur sort, par l'effet de ce changement, sera bien moins enviable qu'il n'eût été sans ce baptême et cette incorporation à la famille d'Abraham (FRANCE, 1909, p. 43).

São Maël foi então informado de seu erro e da decisão tomada por Deus, e viu as aves se transformarem em homens e adquirirem os hábitos humanos ditos civilizados a partir do momento em que são trajados e precisam se comportar de acordo com a moral cristã, embora isso não ocorresse de fato, pois apenas encobririam a sua corrupção, antes inexistente. E assim como os demais humanos, foram despossuídos de sua primitiva harmonia, para lançarem-se em guerras e contendas violentas ao longo dos séculos de história de sua nação pinguina.

No capítulo *“Le bornage des champs et l'origine de la propriété”* somos apresentados à criação dos princípios da civilização pinguina, o direito e a propriedade privada, a partir das explicações de Bulloch, um dos frades que acompanha São Maël. O santo não compreende a forma como as antigas aves se batem umas às outras de forma violenta e cometem os maiores crimes. Para Bulloch, os assassinatos e roubos são na verdade guerras de conquista pela propriedade, que deve ser tomada à força. Aquele que a conquista deve ser louvado e considerado nobre. Assim, estão sendo criadas as bases da sociedade e do estado na Pinguínia a partir do estabelecimento dos princípios das civilizações ocidentais, considerados universais. A criação dos impostos não foi esquecida, estabelecendo mais uma das bases da desigualdade nessa sociedade: quem contribui de fato são os pobres, e não a nobreza. Para que fosse “igual para todos”, o imposto foi fixado sobre o que se come e bebe, e não sobre o que se possui, afinal todos comem e bebem (!).

A histórias das origens da Pinguínia também dá conta de mostrar a ascensão de uma santa, sua padroeira, e da formação da primeira dinastia. Ao longo dos diversos capítulos sobre o dragão de Alca, cidade da Ilha, o narrador expõe como se forjou a figura da santa, que nasce de uma história mítica arquitetada pela própria mulher que se



tornaria santa Orberose, e seu amante Kraken. Orberose, uma linda jovem da cidade, havia desaparecido para viver com Kraken em sua caverna, afastados dos demais pinguins. Concomitantemente, espalhava-se um boato, baseado em testemunhos os mais contraditórios possíveis, de que um dragão era o responsável por todos os males que assolavam a cidade, cometendo roubos e raptos, quando na verdade tratava-se de Kraken o criminoso. Era tomado por um dragão por causa da vestimenta que usava para causar medo e poder cometer os atos de forma mais livre sem ser reconhecido. A população aconselhava-se com São Maël, que destacou que somente por meio da intervenção de uma donzela virgem o dragão seria domado. A essa proposição, Orberose vira uma oportunidade de fortuna e fama para o casal, sugerindo a Kraken que eles simulassem a queda do dragão pelas de suas próprias mãos: Orberose desempenharia o papel da virgem, subjugando um falso dragão, e Kraken seria aquele que, pela de sua espada, colocaria fim à fera. O plano teve pleno sucesso, e dessa forma Orberose se tornou a padroeira da ilha, e Kraken, a quem a população passou a pagar tributo, fundador da primeira dinastia real dos pinguins, chamada Dracônida, em homenagem ao desventurado dragão de Alca.

A partir desse mito de origem, empregado como dispositivo de enaltecimento da nação, a história da Pinguínia entra em sua idade média e renascimento:

Les rois d'Alca issus de Draco, fils de Kraken, portaient sur la tête une crête effroyable de dragon, insigne sacré dont la seule vue inspirait aux peuples la vénération, la terreur et l'amour. Ils étaient perpétuellement en lutte soit avec leurs vassaux et leurs sujets, soit avec les princes des îles et des continents voisins. Les plus anciens de ces rois ont laissé seulement un nom. Encore ne savons-nous ni le prononcer ni l'écrire. Le premier Draconide dont on connaisse l'histoire est Brian le Pieux, estimé pour sa ruse et son courage aux guerres et dans les chasses (FRANCE, 1909, p. 109).

Reis e rainhas são descritos em seus sentimentos pios, exaltados em sua fé cristã, ao mesmo tempo que cometiam crimes e atrocidades por meio de guerras. O papel da Igreja é também importante na sociedade pinguina, que se torna perene com o passar dos séculos:

On ne saurait trop admirer que, durant ces longs âges de fer, la foi ait été conservée intacte parmi les Pingouins. La splendeur de la vérité éblouissait alors les âmes qui n'étaient point corrompues par des sophismes. C'est ce qui explique l'unité des croyances. Une pratique constante de l'Église contribua sans doute à maintenir cette heureuse communion des fidèles: on brûlait immédiatement tout Pingouin qui pensait autrement que les autres (FRANCE, 1909, p. 124).

Como podemos ver, em muitas passagens o paralelismo com a história ocidental é evidente, especialmente ao adentrar os “tempos modernos”.<sup>4</sup> Nesse período a história dos pinguins será marcada pela figura de grandes homens e suas intrigas, abrangendo quatro capítulos. Neles são apresentadas as formações da moderna Pinguínia, a partir da nação republicana após a sua “Revolução Francesa”, responsável por extinguir a monarquia. No capítulo “Trinco” reconhecemos boa parte das guerras de conquistas perpetradas por um jovem homem de guerra que conquista imensos territórios para a Pinguínia, e da mesma forma os perde; trata-se de uma clara alusão às guerras napoleônicas. Após esse período, a ilha mergulha no mais fundo capitalismo a partir do século XIX, desenvolvendo as classes sociais modernas, e revestida por um regime político aparentemente democrático. Tentativas de retomada da monarquia por meio de intrigas envolvendo membros da antiga nobreza e da igreja também ocorrem, sem sucesso.

A representação do Caso Dreyfus desenrola-se no livro sexto da obra, “*L'affaire des quatre-vingt mille bottes de foin*”, em que os segredos de guerra aos quais o capitão Dreyfus havia sido acusado injustamente de vender são substituídos, na narrativa, pelo roubo de oitenta mil fardos de feno. O personagem Pyrot, judeu como Dreyfus, encarna a figura do acusado do crime de vender os fardos de fenos aos grandes inimigos dos pinguins, os marsuínos. Tratava-se, portanto, da mais alta traição. Mais uma vez verificamos o envolvimento de membros da igreja católica no Caso, que se transformou em questão nacional. Anatole France aproveita o embate para debater o antissemitismo

---

<sup>4</sup> Em 1934 o crítico francês Ernest Seillière (1866-1955) publicou a obra “*Anatole France, critique de son temps*”. Nela o escritor retoma, ponto a ponto, as referências históricas presentes em *L'île des pingouins*, o que dá uma amostra da extensão do conhecimento histórico de Anatole France a respeito da história da França, necessário à escritura do romance enquanto paródia “fiel” dessa.

presente na França, acirrado com o Caso. Anatole France mescla muito bem os elementos contemporâneos verificados nas democracias modernas imbricadas ao capitalismo no contexto do século, ao mesmo tempo em que traz o problema filosófico da dúvida e aponta para o ceticismo que permeia invariavelmente suas obras. O antissemitismo, também representado na narrativa, e inflamado nesse período, associou-se aos ideais ditos patrióticos, nacionalistas e militaristas dos grupos anti-Pyrot/Dreyfus. A entrada de personagens socialistas na narrativa, a favor da inocência de Pyrot, confere nova etapa ao Caso e às questões políticas que o envolviam. Há um debate em torno do envolvimento dos partidos socialistas, ou sua abstenção. Alguns líderes apelavam para a diferença entre a justiça social, a qual requeria o Caso Pyrot, e a justiça revolucionária, a qual desejavam os socialistas.

Assim como ocorre na França, o processo acaba sendo revisado, e Pyrot inocentado, o que leva, posteriormente, a uma fragmentação dos grupos que lhe apoiavam. Aqui podemos perceber um certo enquadramento de Anatole France à questão a partir do personagem de Eugène Bidault-Coquille, astrônomo e escritor socialista que se apega ferrenhamente à inocência de Pyrot, retirando-se da reclusão de seus estudos e se tornando um dos porta-vozes da honestidade de Pyrot. Após a conclusão do Caso, Bidault-Coquille reflete acerca das ilusões desfeitas e da dificuldade de enfrentar as injustiças sociais:

Tu te figurais que les injustices sociales étaient enfilées comme des perles et qu'il suffisait d'en tirer une pour égrener tout le chapelet. Et c'est là une conception très naïve. Tu te flattais d'établir d'un coup la justice en ton pays et dans l'univers. Tu fus un brave homme, un spiritualiste honnête, sans beaucoup de philosophie expérimentale. Mais rentre en toi-même et tu reconnaîtras que tu as eu pourtant ta malice et que, dans ton ingénuité, tu n'étais pas sans ruse. Tu croyais faire une bonne affaire morale. Tu te disais: **"Me voilà juste et courageux une fois pour toutes. Je pourrai me reposer ensuite dans l'estime publique et la louange des historiens."** Et maintenant que tu as perdu tes illusions, maintenant que tu sais qu'il est dur de redresser les torts et que c'est toujours à recommencer, tu retournes à tes astéroïdes. Tu as raison; mais retournes-y modestement, Bidault-Coquille! (FRANCE, 1909, p. 311, grifos meus).

O período de crença na realização prática do socialismo durou pouco, pois a dúvida e o ceticismo, especialmente em matéria de política, são elementos de maior força no pensamento do France.

Outra tópica recorrente aos romances do escritor é a ascensão e queda das civilizações, e encontramos-la figurada nos capítulos finais "*L'apogée de la civilisation pingouine*" e "*Les temps futurs l'histoire sans fin*". Atingindo o ápice da sátira na narrativa, Anatole France apresenta o apogeu da Pinguínia, datado, ao que tudo indica, no período histórico da *Belle Époque*, ou seja, na França contemporânea de France, e para além. A ênfase é dada ao estágio do capitalismo industrial e financeiro em que se encontrava a Europa nesse período. Seus termos são claramente materialistas: a riqueza não restava com aqueles que a produziam, mas entre aqueles que possuíam os meios para produzi-la. A cultura intelectual e artística se tornara precária e as cidades não tinham mais o aspecto que antes, era o "apogeu" de seu progresso:

Les progrès de la civilisation s'y manifestaient par l'industrie meurtrière, la spéculation infâme, le luxe hideux. Sa capitale revêtait, comme toutes les grandes villes d'alors, un caractère cosmopolite et financier: il y régnait une laideur immense et régulière. Le pays jouissait d'une tranquillité parfaite. C'était l'apogée (FRANCE, 1909, p. 389).

O que poderia seguir ao apogeu capitalista-financeiro-industrial da Pinguínia? Aqueles que julgariam Anatole France um ferrenho escritor socialista que representaria em seus romances, não apenas em *L'île des pingouins*, panfletos elogiosos a um futuro possível à Europa pós-capitalista, se enganaram. Como mencionei acima, o ceticismo e a razão duvidosa do autor, aliado ao seu pessimismo, parecem tê-lo levado a questionar seus próprios ideais. É factível identificar em seu pensamento um viés humanitário, democrático e mesmo socialista. Mas seus romances refletirão para além das propostas dos partidos políticos à época. Como veremos a seguir, ao tecer uma espécie de prognóstico, France coloca o quão distópico o futuro poderia ser, mesmo que pelas mãos daqueles que o desejariam mais humanitário, democrático e mesmo socialista. É possível traçar um paralelo com a Revolução Francesa, quando Koselleck coloca que "a Revolução traria à luz do dia [...] as implicações terroristas de seus desejos virtuosos" (KOSELLECK,

2014, p. 131). Nota-se, da mesma forma, a representação nas obras de France dessas “implicações” ou “desvios” que parecem quase inevitáveis no curso das revoluções, muito embora tenham princípios ideais democráticos como máxima. No que diz respeito ao capítulo final dos “tempos futuros” de *L'île des pingouins*, a narrativa utópica cumprirá uma função de advertência àqueles que acreditavam na história futura como resultando de um grande progresso da humanidade, ou seja, da própria história (KOSELLECK, 2014, p. 138), como veremos na próxima sessão.

### *As fissuras do regime moderno nos “tempos futuros” da “história sem fim”*

Em *L'île des pingouins* vemos como Anatole France utiliza das experiências do passado, por intermédio da história europeia, para se voltar ao tempo futuro, elaborando um prognóstico catastrófico, como abordarei a seguir. Dessa forma, “o futuro já não serve mais – como fazia até então – para garantir ou incrementar a posteridade ou para dosar de forma literária os castigos: o futuro é evocado no presente por meio do argumento histórico” (KOSELLECK, 2014, p. 128). Seguindo os traços expostos por Koselleck a respeito da temporalização da utopia, *L'île des pingouins* pode ser entendida como uma “paródia ao historicismo e à crença no progresso”, caracterizando-se como uma utopia temporal negativa (KOSELLECK, 2014, p. 131). Ou seja, não se trata do caso “positivo” da utopia futurística que trabalha com a ideia do antiapocalipse. Utilizando o exemplo de uma das obras de Carl Schmitt, Koselleck sublinha que

O conteúdo dessa paródia [*Die Buribunken*, 1918], ou melhor, dessa sátira, pode ser caracterizado como utopia negativa. A crítica implícita visa àqueles elementos utópicos contidos na devoção histórica aos fatos e em sua exaltação histórico-filosófica. [...] Nesse sentido, a crítica de Carl Schmitt se volta contra toda a fundamentação espiritual da modernidade, quando elaborada e realizada como progresso histórico (KOSELLECK, 2014, p. 131).

Creio que esses dados de crítica assinalados por Koselleck, embora se baseiem em uma obra escrita por um nazista como Carl Schmitt, se aproximam do romance que estamos tratando neste capítulo, em virtude de a sátira na narrativa envolver uma crítica em torno

da ideia de civilização e progresso histórico no contexto europeu. Analisarei no próximo tópico as figurações destas críticas ao historicismo e do progresso histórico destacadas por Koselleck.

Neste momento, no entanto, gostaria de chamar novamente a atenção para o aspecto da temporalidade mencionado acima. O gênero romance foi e é um dos responsáveis pela anunciação de conflito de temporalidades presentes nas sociedades modernas. Esse é um dos motivos pelos quais optei por trabalhar aqui com um romance de Anatole France, ou seja, fazendo uma seleção dentro de sua obra ficcional. Nela seria possível identificar a presença desses tempos divergentes que fazem parte do mesmo regime moderno, indicando seu possível fracasso. Anatole France coloca em cena as fissuras do regime moderno de historicidade, calcado na ideia de futuro e progresso, a partir da própria visão crítica da experiência de tempo contemporânea. É retraçada uma conexão entre passado, presente e futuro no romance, que expõe como o passado francês não foi tão glorioso como os historiadores o apresentavam. Já o presente se mostraria extremamente problemático, e o futuro, tendo em vista o passado e o presente, não os levaria para uma situação de progresso afortunado. É possível ler seus romances como um apelo para a releitura das três dimensões temporais de forma crítica, com o objetivo de repensar alguns mitos de origem e destrinchar as narrativas modernas que impedem os contemporâneos de vislumbrar criticamente sua própria história. O recurso à narrativa utópica/distópica coloca em xeque justamente esse conflito de temporalidades.

No livro *História & Distopia*, o historiador Julio Benthivoglio analisa as relações deste gênero literário com a história e a historiografia no contexto do século XXI, pois acredita que

[...] o conceito de distopia e a produção de narrativas distópicas podem ser bastante úteis para pensarmos os sintomas da crise do cronótopo moderno de história, bem como indicar uma chave de compreensão para a natureza da história em meio ao debate historiográfico contemporâneo (BENTIVOGLIO, 2017, p. 84).

O autor se refere ao contexto atual, em que há uma radicalização da crise do regime moderno, ou mesmo, como avalia François Hartog em vários textos, a emergência de uma nova ordem do tempo, o regime presentista, com o crescimento rápido da categoria do presente, impondo sua onipresença (HARTOG, 2015). O regime presentista considera o passado tendo em vista o presente, e o futuro se torna pessimista. Ou seja, alterou-se nossa relação de tempo, do futurismo para o presentismo. “A valorização do presente contra o passado transpassa os inícios do século XX: a vida e o presente contra o passado associado à morte” (HARTOG, 2003a, p. 25).

Contra o passado, que é também a morte coloca-se na frente a vida e o presente. Concernem a esta larga corrente, primeiramente, as *Considérations intempestives* (1874) de Nietzsche, mas, também, *L'immoraliste* (1902) de Gide ou a Hedda Gabler de Ibsen ou, ainda, as reflexões dos anos 30 de Valéry sobre ou contra a História (HARTOG, 1997, p. 11).

Hartog remonta ao próprio século XIX o início das fissuras do regime, indicando que há permanência e divergências dentro de uma mesma ordem de tempo.

As utopias e distopias, conforme apontou Bentivoglio, ajudam justamente a pensar essas divergências. Identifico os romances de Anatole France como casos representativos de uma certa resistência ao regime moderno. É possível localizar em *L'île des pingouins* os traços de uma distopia, considerando que

[...] a distopia seria uma utopia negativa, um mau lugar. Observando, contudo a etimologia do termo e sua relação com o problema da historicidade cheguei a conclusões diferentes. A distopia não é uma *antiutopia*, ela é um *deslugar*, que não se encontra exatamente no futuro, mas, que pode estar em qualquer lugar, inclusive no presente e no passado. Ela não seria um espaço desejável ou sonhado, mas um mau lugar, de contrariedade e privação. A distopia seria, portanto, a desfiguração da própria possibilidade de utopia (BENTIVOGLIO, 2017, p. 85).

O futuro oscilará entre uma utopia negativa e uma utopia fracassada. No livro oitavo *“Les temps futurs l'histoire sans fin”* somos apresentados a essa utopia negativa, ou mesmo, distopia. O cenário da cidade de Alca representa o avanço tecnológico que não levou a um desenvolvimento positivo de sua própria civilização. Identificamos esse cenário

com a visão do futuro do capitalismo e suas consequências em grande medida desastrosas. Alca era uma rica cidade, com altos edifícios e modernas indústrias. Contudo, a minoria da população concentrava a riqueza, e aos pobres restava a miséria e o desprezo. A violência se tornara algo socialmente aceito e, somada às más condições de vida, desemprego, fome, catástrofes, doenças, o estado social encontrava-se em plena decadência. As artes, também afetadas por esse estado de coisas, deixam de exercer seu papel social. As classes trabalhadoras não conseguiam avançar em suas lutas em meio à cupidez generalizada.

Caroline Meslier e Georges Clair são dois personagens anarquistas responsáveis por uma série de atentados que ocorrerão na cidade, como incêndios e explosões. Esses atos, embora fossem deplorados por parte da população, especialmente pela camada rica da cidade, eram motivo de indiferença por seus operários. Ao expor a história futura, o narrador mostra que a destruição da capital era inevitável. E assim sucedeu. Mas não era exatamente seu fim, mas um recomeço sem fim, um reinício de sua história, numa “história sem fim”, retomando seu curso desde as origens. Anatole France marca essa circularidade repetindo exatamente o mesmo parágrafo que iniciou o último capítulo, ao final do livro:

On ne trouvait jamais les maisons assez hautes; on les surélevait sans cesse et l'on en construisait de trente à quarante étages, où se superposaient bureaux, magasins, comptoirs de banques, sièges de sociétés, et l'on creusait dans le sol toujours plus profondément des caves et des tunnels. Quinze millions d'hommes travaillaient dans la ville géante (FRANCE, 1909, p. 416).

Para Ernest Seillière, estamos diante da negação das esperanças fomentadas pelos ideais socialistas utópicos: “l'histoire se recommence toujours: tel est le leit-motiv de ces pages mélancoliques” (SEILLIÈRE, 1934, p. 183). Para outros críticos, como Marcel Le Goff, autor do livro *Anatole France à la Béchellerie* (1924), esse capítulo pode representar a ideia de eterno retorno:

Cette idée de recommencement constant, continuel de tout, fut une des opinions favorites de Monsieur France. La destruction de tout, l'éternelle renaissance de tout, sans raison, sans but, sans fin, pour rien, parce que c'est ainsi, parce qu'il ne saurait en être autrement, voilà l'idée familière par laquelle Monsieur France



s'apparente à la race dont l'Éclésiaste est issu, et à laquelle il a manifesté une si constante, une si inébranlable sympathie (LE GOFF, 1924, p. 123).

A ideia também é retomada por Édith Tendron. Para a crítica, "l'homme n'a pas l'air d'avoir compris les causes des ses échecs. Il n'est plus question de palingénésie, mais de redite inéluctable des erreurs humaines", logo "l'éternel retour des civilisations ne signifie pas cette fois qu'il va s'effectuer dans de meilleures conditions" (TENDRON, 1995, p. 213).<sup>5</sup> Dessa forma, verificamos como Anatole France utiliza diversos mecanismos para exercer o poder de crítica por meio de sua narrativa. Até aqui encontramos uma avaliação voltada à face externa da História, em seu conteúdo. Veremos a seguir, como o questionamento do próprio método da História será pautado em *L'île des pingouins*, abrindo caminhos para sua avaliação sobre a disciplina.

### *O narrador-historiador e as críticas à ciência histórica*

Conforme mencionado acima, nesta seção pretendo discutir de que forma Anatole France traça em *L'île des pingouins* uma crítica ao historicismo e à disciplina histórica. Essas críticas demonstrarão em última instância, um exame do próprio regime moderno de historicidade, eis que a História e o regime moderno estão particularmente imbricados:

No que respeita à historiografia, a expressão moderno regime significa um período em que o ponto de vista do futuro domina. A palavra-chave é Progresso, História é entendida como processo e Tempo como se direcionando a um fim (progressão) (HARTOG, 2003a, p. 1).

Ao longo de todo o século XIX, enquanto se profissionalizava e ambicionava se apresentar como uma ciência (baseada no modelo das ciências da natureza), a história apoiou-se sobre e colocou em prática um tempo histórico - linear, cumulativo e irreversível - correspondendo a uma história política, na qual os príncipes são substituídos por nações, como atores da história, e onde o progresso vinha substituir a salvação (HARTOG, 2006, p.17).

---

<sup>5</sup> "O homem parece não ter entendido as causas de seus fracassos. Não é mais uma questão de palingenesia, mas da inevitável repetição de erros humanos", logo, "o eterno retorno das civilizações não significa que desta vez seja feito em melhores condições" (TENDRON, 1995, p. 213).

Pela leitura atenta dos romances percebemos que são justamente esses aspectos citados por Hartog, característicos da História no Oitocentos, que permeiam as entrelinhas de suas narrativas, especialmente *L'île des pingouins*.

É preciso ressaltar que a própria história da disciplina é feita de tensões e dicotomias, presentes na formação do campo (KOSELLECK, 2013; RICŒUR, 2007). Há algum tempo a ciência história do século XIX já não é mais lida como um bloco homogêneo de uma comunidade de historiadores (predominantemente europeus) preocupados unicamente com o rigor das fontes, a objetividade fria da pesquisa e escrita, e a aproximação com o modelo das ciências duras. Sabemos que a crítica à memória disciplinar foi e é importante para desnudar as batalhas dentro de um campo ainda em formação naquele momento, do não consenso mesmo entre historiadores de uma mesma "escola":

A consolidação do paradigma científico no século XIX, no entanto, não se fez de modo rápido, muito menos consensual. Assim, se, por um lado, não é difícil traçar um paralelo entre o que diz Luciano e o postulado definido por Ranke, aquele que instruíra o historiador a "mostrar como algo realmente aconteceu" (*wie es eigentlich gewesen*, Ranke, 1824, p. VII), ou a trabalhos como o de W. Humboldt, o de G. Monod, o de C. V. Langlois e C. Seignobos, cujas obras tornaram-se referências para a definição de uma história científica (sobretudo o levantamento exaustivo de fontes e um texto objetivo), por outro, é preciso considerar que as regras e princípios metodológicos que vinham sendo estabelecidos por uma disciplina que tentava se instaurar não eram seguidos incondicionalmente. A vitória da ciência foi precedida por inúmeras controvérsias, entre as quais as formas de narrar a história. Um exemplo significativo é o debate em torno da noção da cor local pelos chamados historiadores narrativistas da primeira metade do século XIX (CEZAR, 2004, p. 19).

O conhecimento histórico produzido no XIX também é associado ao historicismo, uma das maneiras de se pensar e fazer a História, em sua forma mais acabada entre os historiadores alemães:

É corrente entre os historiadores a concepção de que o historicismo é a forma científica da História e do conhecimento histórico surgida na primeira metade do século XIX. A definição mais aceita atualmente é a proposta por Friedrich Jaeger e Jörn Rüsen em 1992: historicismo é uma forma determinada do pensamento

histórico e da correspondente concepção da história como ciência. Trata-se de um modo de pensar que considera a história como um conhecimento específico dos tempos passados, distintos do conhecimento do tempo presente, mas que coloca aqueles em perspectiva com este e com o tempo futuro (MARTINS, 2008, p. 17).

Vemos como a narrativa de Anatole France pode ser lida dentro de uma lógica historicista, pois essa “consiste no reconhecimento da especificidade de tempos passados em comparação com o presente, de modo a elaborar uma correlação de interdependência do tempo passado com o tempo presente” (MARTINS, 2008, p. 17). Para Estevão Martins “essa correlação se estabelece mediante a elaboração reflexiva da sucessiva experiência própria das formas humanas de viver, na linha do tempo” (MARTINS, 2008, p. 17). O problema está nas categorias-mestras do historicismo: “a individualidade e o progresso (originalmente pensado como evolução da individualidade para o melhor, à maneira do aperfeiçoamento para o bem característico do Iluminismo” (MARTINS, 2008, p. 17). Embora Anatole France configure sua narrativa a partir de nexos historicistas, interligando passado, presente e futuro, o pressuposto de que esse futuro leva necessariamente a uma humanidade mais desenvolvida enquanto raça humana não se verifica em suas obras. *L'île des pingouins* figura de forma bastante evidente essa proposição.<sup>6</sup>

Para além do fato de se tratar da história de uma comunidade de pinguins - acontecimento irônico por si só - a narrativa da trajetória das aves está disposta no formato de um livro de história, composto pelo historiador, que também é o autor e narrador do livro, utilizando de elementos da escrita dos historiadores do XIX. A partir da

---

<sup>6</sup> Sabemos que a concepção de historicismo é de difícil delimitação tendo em vista a própria história do conceito, sem consenso em sua definição (e mesmo na tradução de *historismus*, do alemão), pois remonta a formas de pensar e fazer História características do século XIX. Francisco Falcon (1997) sublinha alguns aspectos do conceito que nos ajudam a pensar a crítica de Anatole France: a busca por uma história que “espelhe” a realidade histórica (tomada como realidade ontológica e teleologicamente orientada) a partir de seu rigor factual e narrativo capaz de desvendar suas leis gerais, universais e racionais. Tratava-se de produzir um conhecimento científico a partir da história enquanto horizonte de referência comum, suprimindo as especulações filosóficas. Esse historicismo em sentido metodológico e institucionalizado parece ser o que mais perturbava France, além do pressuposto de que a história “evolui/desenvolve-se no tempo conforme uma lógica interna que lhe imprime sua própria direção ou ‘sentido’ – o “progresso” (FALCON, 1997, p. 10).

ironia e da sátira que perpassam as 419 páginas desta obra, a ridicularização do ofício do historiador e a da própria história da França darão a tônica da narrativa, iniciando já pelo prefácio.

Como nos livros de história, o prefácio tem um papel importante de apresentação da figura daquele que produziu a obra, de suas intenções e objetivos, demonstrando sua autoridade perante a comunidade de historiadores e estabelecendo certa distância, como aponta Hartog:

La préface (avec ses diverses fonctions récemment inventoriées par Gérard Genette) est, en effet, le lieu où l'historien est autorisé, s'autorise à être présent et à dire *je*. [...] Assez vite toutefois, la piste de la préface tourne court. Car, la préface, moment de "présence" fortement marqué auquel va succéder l'"absence", est une façon pour l'historien de poser une distance par rapport à son objet: propos de méthode souvent, elle est, selon le jeu de mots dumézilien, regard sur le chemin après qu'on l'a parcouru; façon aussi de mettre une distance, temporelle cette fois, entre son objet et lui: placée à l'initial, elle équivaut, notait Certeau, à un "en ce temps-là", par rapport au temps de l'auteur (HARTOG, 1988, p. 2-3).

O narrador-historiador se apresenta em primeira pessoa no início do romance e aponta o lugar da história dos pinguins em sua própria vida:

Malgré la diversité apparente des amusements qui semblent m'attirer, ma vie n'a qu'un objet. Elle est tendue tout entière vers l'accomplissement d'un grand dessein. J'écris l'histoire des Pingouins. J'y travaille assidument, sans me laisser rebuter par des difficultés fréquentes et qui, parfois, semblent insurmontables (FRANCE, 1909, p. I).

Expõe ainda as dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa, especialmente para o período anterior aos vestígios escritos, ou pré-histórico:

J'ai creusé la terre pour y découvrir les monuments ensevelis de ce peuple. Les premiers livres des hommes furent des pierres. J'ai étudié les pierres qu'on peut considérer comme les annales primitives des Pingouins. J'ai fouillé sur le rivage de l'océan un tumulus inviolé; j'y ai trouvé, selon la coutume, des haches de silex, des épées de bronze, des monnaies romaines et une pièce de vingt sous à l'effigie de Louis-Philippe Ier, roi des Français (FRANCE, 1909, p. I).

Para “les temps historiques”, as crônicas serão a principal fonte. Contudo a tarefa da escrita se torna extremamente difícil quando as fontes são numerosas, pois os testemunhos serão sempre contraditórios, levando o historiador a fazer escolhas. E como essas escolhas se dão?

Sans doute les raisons scientifiques de préférer un témoignage à un autre sont parfois très fortes. Elles ne le sont jamais assez pour l'emporter sur nos passions, nos préjugés, nos intérêts, ni pour vaincre cette légèreté d'esprit commune à tous les hommes graves. En sorte que nous présentons constamment les faits d'une manière intéressée ou frivole (FRANCE, 1909, p. II).

Vemos, portanto, que o narrador-historiador demonstra alguma lucidez e bom senso ao abordar o ofício do historiador. Reconhecendo os obstáculos do empreendimento que se propôs ao buscar escrever a história da ilha dos pinguins, desde suas origens até o período contemporâneo e projetando o futuro, o narrador decide buscar os conselhos dos velhos historiadores da Academia de Ciências Morais. A recomendação dada por esses é de simplesmente copiar os antigos trabalhos de história e não inventar nada novo:

- À quoi bon, mon pauvre monsieur, vous donner tant de peine, et pourquoi composer une histoire, quand vous n'avez qu'à copier les plus connues, comme c'est l'usage? Si vous avez une vue nouvelle, une idée originale, si vous présentez les hommes et les choses sous un aspect inattendu, vous surprendrez le lecteur. Et le lecteur n'aime pas à être surpris. Il ne cherche jamais dans une histoire que les sottises qu'il sait déjà. Si vous essayez de l'instruire, vous ne ferez que l'humilier et le fâcher. Ne tentez pas de l'éclairer, il criera que vous insultez à ses croyances.

Les historiens se copient les uns les autres. Ils s'épargnent ainsi de la fatigue et évitent de paraître outrecuidants. Imitiez-les et ne soyez pas original. Un historien original est l'objet de la défiance, du mépris et du dégoût universels.

Croyez-vous, monsieur, ajouta-t-il, que je serais considéré, honoré comme je suis, si j'avais mis dans mes livres d'histoire des nouveautés? Et qu'est-ce que les nouveautés? Des impertinences. [...]

Si vous voulez que votre livre soit bien accueilli, ne négligez aucune occasion d'y exalter les vertus sur lesquelles reposent les sociétés: le dévouement à la richesse, les sentiments pieux, et spécialement la résignation du pauvre, qui est le fondement de l'ordre. Affirmez, monsieur, que les origines de la propriété, de la noblesse, de la gendarmerie seront traitées dans votre histoire avec tout le respect que méritent ces institutions. Faites savoir que vous admettez le surnaturel quand il se présente. À cette condition, vous réussirez dans la bonne compagnie (FRANCE, 1909, p. IV-V).

Esses são os conselhos recebidos dos “sábios” historiadores pelo narrador, que afirma levar consigo. Meditando a respeito dessas advertências, o narrador demonstra estar ciente de que a parcialidade fará parte do ofício, pois a narrativa do historiador não está isenta de apresentar suas paixões, preconceitos e interesses (FRANCE, 1909, p. II). O método da escrita da história também o preocupa, pois parece-lhe baseado em grande medida em incertezas e subjetividades, e que depende em grande medida da argúcia e da boa-fé do historiador:

Il est extrêmement difficile d'écrire l'histoire. On ne sait jamais au juste comment les choses se sont passées; et l'embarras de l'historien s'accroît avec l'abondance des documents. Quand un fait n'est connu que par un seul témoignage, on l'admet sans beaucoup d'hésitation. Les perplexités commencent lorsque les événements sont rapportés par deux ou plusieurs témoins; car leurs témoignages sont toujours contradictoires et toujours inconciliables (FRANCE, 1909, p. II).

O narrador apresentará alguns desses casos, revelando ao longo do texto que as “fontes” e os “fatos”, cobertas por uma áurea de verdade “científica”, são falsos em grande parte da história dos pinguins, como por exemplo a farsa do mito de origem do dragão de Alca e sua padroeira, Santa Orberose. Outros elementos fantásticos serão apontados como uma maneira de apresentar a farsa da história, que preenche “lacunas” com o sobrenatural, como a transformação dos pinguins em homens, ou a transposição da ilha para próximo do continente Europeu com a ajuda de uma corda (!). Ao longo dos capítulos são narrados casos de contradições, falseamentos e mal-entendidos na história dos pinguins, justificando a cautela do narrador quanto a uma verdade “pura” que possa existir a partir dos vestígios. Além disso, salienta que a sua história é do gênero antigo, escrita a partir das memórias que foram conservadas. Nesses moldes, a “velha Clio” está mais próxima da arte que da ciência, pois não possui elementos científicos, sobretudo uma *multitude de statistiques* que a tornaria mais exata (FRANCE, 1909):

Le présent ouvrage appartient, je dois le reconnaître, au genre de la vieille histoire, de celle qui présente la suite des événements dont le souvenir s'est

conservé, et qui indique, autant que possible, les causes et les effets; **ce qui est un art plutôt qu'une science**. On prétend que cette manière de faire ne contente plus les esprits exacts et que **l'antique Clio passe aujourd'hui pour une diseuse de sornettes**. Et il pourra bien y avoir, à l'avenir, une histoire plus sûre, une histoire des conditions de la vie, pour nous apprendre ce que tel peuple, à telle époque, produisit et consumma dans tous les modes de son activité. Cette histoire sera, non plus un art, mais une science, et elle affectera l'exactitude qui manque à l'ancienne. Mais, pour se constituer, elle a besoin d'une multitude de statistiques qui font défaut jusqu'ici chez tous les peuples et particulièrement chez les Pingouins. Il est possible que les nations modernes fournissent un jour les éléments d'une telle histoire. En ce qui concerne l'humanité révolue, il faudra toujours se contenter, je le crains, d'un récit à l'ancienne mode. L'intérêt d'un semblable récit dépend surtout de la perspicacité et de la bonne foi du narrateur (FRANCE, 1909, p. VIII-IX, grifos meus).

Mais uma vez o autor coloca em cena sua ideia de que a história não é uma ciência, mas uma arte. Acrescenta que, para se tornar uma ciência, necessitaria da produção de grande quantidade de dados estatísticos. Como veremos no próximo capítulo, na utopia socialista em *Sur la pierre blanche*, Anatole France mostra que nessa sociedade futura os historiadores seriam substituídos pelos estatísticos, que traçariam a história das sociedades apenas em termos numéricos. Essa seria a única forma de transformar a história em uma ciência exata. Enquanto os estudos históricos forem produzidos unicamente a partir de fontes escritas e da narrativa do historiador, permanecerá como uma arte dependente do caráter de seu escritor.

Ao final do prefácio Anatole France deixa entrever o que considero um dos objetivos de sua paródia por meio das palavras de Jacques, *le Philosophe*, cronista da história da Pinguínia. Retomado pelo narrador, Jacques escreve um discurso moral representando de maneira cômica as ações dos pinguins. Indagado sobre os possíveis benefícios de uma “história adulterada” e “cômica”, o filósofo responde que haverá um benefício muito grande, pois “lorsqu'ils verront leurs actions ainsi travesties et dépouillées de tout ce qui les flattait, les Pingouins en jugeront mieux et, peut-être, en deviendront-ils plus sages” (FRANCE, 1909, p. XII).<sup>7</sup> Mais uma vez Anatole France utiliza da figura de um

---

<sup>7</sup> “Quando eles verem suas ações assim disfarçadas e despojadas de tudo o que as lisonjeia, os Pinguins as julgarão melhor e, talvez, se tornarão mais sábios” (FRANCE, 1909, p. XII).

filósofo para entrar no romance e partilhar suas próprias críticas.<sup>8</sup> Ele espera narrar uma história da França despojada de seu brilho e grandiosidade, apresentada em seus aspectos mais ordinários, tecidos por crimes, misérias e loucuras, na esperança de que, assim, os franceses enxerguem de forma mais realista e crítica sua própria história. Esse, me parece, é o objetivo de *L'île des pingouins*.

O prefácio que acompanhamos, localizado logo no início do romance como de praxe, é datado de 1º de setembro de 1907, em Quiberon. Esta ilha, que faz parte da região da Bretanha, foi de fato frequentada por Anatole France no início do século XX, e possivelmente lhe inspirou em suas paisagens a imaginar a ilha dos pingüins. Os anais da cidade fazem referência à estadia de France e a citação da cidade no romance.<sup>9</sup> Fica evidente, portanto, a presença do escritor dentro da própria narrativa por meio da inserção de elementos factuais no prefácio do romance, tornando ainda mais manifesta a relação da crítica que conduz no livro com suas reais posições. Conforme já foi apontado, a discordância com a ciência histórica preconizada em sua época é não apenas acerca de seu conceito, mas também por seus métodos.

*L'île des pingouins* é também uma sátira acerca dos métodos da história aplicados pelos historiadores da Terceira República (BANCQUART, 1994; LAS HERAS, 1997). Embora ciente das limitações da ciência histórica, o narrador-historiador insiste em buscar uma história a mais positiva possível. Para isso procura guarnecer sua narrativa com citações e notas de rodapé, indicando suas “fontes”. Há, por exemplo, alguns títulos citados que de fato podemos encontrar nas bibliotecas, como *“Au pays des manchots”* (1904), de Georges Lecoq, *“Journal de l'Expédition antarctique française”* (1903-1905), de Jean Charcot, *“Naturalis Historia”* (49-77 d.C.), de Plínio, o Antigo, e *“Le Censeur Politique et Littéraire”* (1907), de J. Ernest-Charles. Há também referência a estudos de paleografia que atestam a veracidade de crônicas utilizadas em sua narrativa. A maior parte da

---

<sup>8</sup> Digo mais uma vez pois em outros livros France utilizou desse mesmo recurso como, por exemplo, em *Les dieux ont soif*, por meio do personagem de Brotteaux des llettes, também filósofo.

<sup>9</sup> Conforme a página da prefeitura de Quiberon. Disponível em: [http://www.quiberon.com/files/quiberon/files/brochures/pdf/historique\\_de\\_la\\_presqu.pdf](http://www.quiberon.com/files/quiberon/files/brochures/pdf/historique_de_la_presqu.pdf) Acesso em 10 nov. 2018.



história dos pinguins é baseada em crônicas e manuscritos pinguins que apresentam relatos os mais despropositados, como “*De Gestis Pinguinorum*”, de Johannes Talpa, as “*Antiquités d’Alca*”, de autor desconhecido, e os “*Annales de la Pingouinie*”, do historiador Ovidius Capito, todos citados no livro. Contudo, tratam-se de fontes escritas, logo, como duvidar de seu conteúdo?<sup>10</sup>

Como sabemos, Anatole France viveu em uma época em que os historiadores procuravam estabelecer a história como ciência:

Anatole France a donc écrit toute son oeuvre au moment de ces efforts pour réunir des documents si complets et si rigoureux, pour être si objectif en les exposant, que le résultat puisse être indiscutable et définitif.

Efforts qui méconnaissent nos capacités et la vraie raison d’être de l’histoire, dit Anatole France. [...]

Anatole France reprend à son propre compte ces considérations dans *Le Temps* de 1888. Il fait en outre remarquer que les témoignages recueillis sur le moindre incident contemporain divergent: il en fut de même évidemment dans le passé. Comment choisir? Anatole France souhaite que l’historien, tout en recherchant de son mieux, mais sans illusion, l’exactitude, tienne compte surtout des vies quotidiennes dont l’histoire a été tissée, et qu’il ne fasse pas de celle-ci une sorte de Moloch, une entité fonctionnant par elle-même et dévorant les êtres (BANCQUART, 1994, p. 162-163).

As considerações apontadas por Bancquart levam a pensar em alguns paralelos possíveis. Pensadores como François Simiand, Friedrich Nietzsche, George M. Trevelyan e Charles Péguy, para citar alguns exemplos, são identificados como autores que pensaram e escreveram sobre os limites e insuficiências da ciência história no limiar do século XX, e mesmo um anti-historicismo que levaria, posteriormente, à crise da modernidade e o advento da pós-modernidade (FALCON, 1997).

---

<sup>10</sup> Algumas críticas levantadas por Anatole France lembram muito essa ciência histórica em sua fase “tradicional” descrita por Michel Foucault: “esta [a história], na verdade, sob sua forma tradicional, se atribuía como tarefa definir relações (de causalidade simples, de determinação circular, de antagonismo, de expressão) entre fatos ou acontecimentos datados: sendo dada a série, tratava-se de precisar a vizinhança de cada elemento” (FOUCAULT, 2012, p. 9). As interrogações também são semelhantes: “as velhas questões de análise tradicional (Que ligação estabelecer entre acontecimentos díspares? Como estabelecer entre eles uma sequência necessária? Que continuidade os atravessa ou que significação de conjunto acabamos por formar? Pode-se definir uma totalidade ou é preciso limitar-se a reconstituir encadeamentos?) são substituídas, de agora em diante, por interrogações de outro tipo” (FOUCAULT, 2012, p. 4).

Neste sentido, os fundadores de uma nascente disciplina, a sociologia, contestaram a primazia da história política e da narrativa na historiografia profissional. François Simiand (1873-1935) lançou em 1903 um ensaio intitulado “Método histórico e ciência social” em que articula críticas à historiografia de sua época, referindo-se em especial ao trabalho com os documentos. Simiand vai condenar o que chamou de “os ídolos da tribo dos historiadores” (SIMIAND, 2003, p. 110-116), quais sejam: o “ídolo político” (o estudo predominante dos fatos políticos), o “ídolo individual” (o hábito inveterado de conceber a história como história de *indivíduos* e não como estudos dos *fatos*), o “ídolo cronológico” (o hábito de perder-se nos estudos das origens). Seu objetivo era o estabelecimento de uma ciência positiva dos fenômenos sociais. Nesse momento, eram os historiadores considerados “positivistas” ou “metódicos”, grosso modo, que estavam sofrendo as críticas mais agudas.

Nietzsche (1844-1900) fará uma crítica ao historicismo e à ciência histórica em suas *II Considerações Intempestivas*, também sob o título “*Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*”, de 1874. Para o filósofo é necessário que o conhecimento histórico sirva à vida, que a história seja “animada e inspirada pelo sopro vivificante do presente”, e não apenas conservada (NIETZSCHE, 2005, p. 95). O conhecimento do passado deve “servir ao futuro e ao presente, não para enfraquecer o presente ou para cortar as raízes de um futuro vigoroso (NIETZSCHE, 2005, p. 99). Além disso, “os estudos históricos se opõem à arte: somente quando admite ser transformada em obra de arte, ou seja, numa pura criação de arte, é que a história pode eventualmente preservar ou mesmo despertar os instintos (NIETZSCHE, 2005, p. 129). Nietzsche também argumentou contra o excesso de sentido da história, sua concepção enquanto processo universal e as noções de causalidade, linearidade e a fé no progresso, características elementares dos estudos históricos no século XIX (NIETZSCHE, 2005, p. 18).

No contexto inglês, podemos observar as indagações levantadas por G. M. Trevelyan (1876-1962) sobre a cientificidade da história. Para o historiador britânico “history is not a scientific deduction, but an imaginative guess at the most likely

generalisations” (TREVELYAN, 1913, p. 9).<sup>11</sup> As emoções, a imaginação e as qualidades narrativas deveriam fazer parte do método da história. Em suma:

I conclude, therefore, that the analogy of physical science has misled many historians during the last thirty years right away from the truth about their profession. There is no utilitarian value in knowledge of the past, and there is no way of scientifically deducing causal laws about the action of human beings in the mass. In short, the value of history is not scientific. Its true value is educational. It can educate the minds of men by causing them to reflect on the past (TREVELYAN, 1913, p. 12).

O estudo do passado deve nos lembrar que o futuro é incerto, pois a história não é capaz de criar prognósticos sobre ele, mas pode educar os homens com relação aos problemas políticos que podem ser enfrentados, capacitando-os a entender as relações humanas e mesmo estimular o sentimento de empatia, destruindo preconceitos. Trevelyan aproxima história e literatura, pois “history and literature cannot be fully comprehended, still less fully enjoyed, except in connection with one another” (TREVELYAN, 1913, p. 24).

Charles Péguy (1873-1914) foi, no cenário francês, um dos ferrenhos críticos da história, especialmente quanto ao método apresentado por Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942), historiadores da *Nouvelle Sorbonne*. Em *Clio*, Péguy opõe a história “essencialmente longitudinal” à memória, “essencialmente vertical” (HARTOG, 2015, p. 167):

Péguy não deixava evidentemente de refletir sobre o *Affaire*: “Eu dizia, pronunciava, enunciava, transmitia um certo caso Dreyfus, o caso Dreyfus real, no qual nós, desta geração, nunca paramos de imergir” [PÉGUY, 1988, p. 1309]. No fim das contas, para retomar seu vocabulário, a história é “inscrição”, enquanto memória é “rememoração”. Estamos em plena contestação do regime moderno de historicidade (HARTOG, 2015, p. 167).

---

<sup>11</sup> “História não é uma dedução científica, mas uma suposição imaginativa sobre as generalizações mais prováveis” (TREVELYAN, 1913, p. 9).

O que Péguy critica nos historiadores modernos é a busca excessiva por documentos como garantia da construção de uma história supostamente objetiva e completa (GERBOD, 2002, p. 18):

Aux yeux de Péguy, telle qu'elle a été codifiée par Langlois et Seignobos, telle qu'elle est pratiquée dans les universités, l'histoire dite "scientifique" est coupable de trois péchés capitaux. D'abord, les historiens "méthodiques" avec leur érudition et leurs boîtes à fiches, en chassant de leur champ la mémoire, jugée mouvante et incertaine, non seulement étouffent la vie, mais ils ont dénaturé la connaissance historique. Chez eux, faute d'imagination et d'intuition, il n'y a plus qu'un passé mort. D'autre part, n'accepter comme sources que les archives écrites constitue une usurpation, une perversion, voire une fraude intellectuelle et morale vis-à-vis du passé. Dans cette histoire historisante, devenue "une simple énumération des faits, une simple narration des événements", on a officiellement "banni tout jugement et, dans le jugement, toute évaluation", on a "éliminé tout portrait, proscrit toute morale, toute conclusion" (BÉDARIDA, 2002, p. 103).

Chamei atenção para esses exemplos dos contextos francês, inglês e alemão para evidenciar esse cenário de questionamentos à história, tendo em vista ser o período de sua institucionalização e estabelecimento de determinados parâmetros científicos, mesmo que sem consenso. Sabemos que a disciplina continuará sofrendo ataques, ainda mais radicais, sobretudo na França com os *Annales* a partir dos anos 1920. Não será possível nos limites desse trabalho discutir os méritos de cada objeção elencada acima, pois para além das questões teórico-metodológicas, os impasses acadêmicos e políticos também estão em disputa dentro e no entorno do campo. Gostaria apenas de mencionar um dos estudos que retomam as injustiças de alguns desses ataques. No artigo "*Charles Seignobos revisité*" (PROST, 1994) Antoine Prost desconstrói alguns dos argumentos contra os historiadores da chamada "Escola Metódica", devido à falta de fundamento de algumas dessas críticas, como por exemplo, o suposto fetichismo pelos documentos:

En vingt ans, sa réflexion s'est pourtant approfondie. Le champ des sciences sociales s'est profondément transformé. Les historiens n'ont plus à se situer par rapport à leurs devanciers plus littéraires, mais par rapport aux autres sciences et notamment à la sociologie. Seignobos consacre alors en 1896-1897 avec Langlois un cours à la théorie de l'histoire, dont sortira aussitôt la célèbre *Introduction...* puis il tente une confrontation méthodologique avec la sociologie dans un cours au Collège libre des sciences sociales dont il tire *La méthode historique appliquée aux sciences sociales* (1901), son livre le plus intéressant.

L'importance du document se trouve alors fondée par la nature même de l'histoire, qu'il définit comme "une connaissance par traces". Le fait historique ne se définit pas par son caractère passé: "Être présent ou passé n'est pas une différence de caractère interne, tenant à la nature d'un fait; ce n'est qu'une différence de position par rapport à un observateur donné... Il n'y a donc pas de faits historiques par leur nature; il n'y a de faits historiques que par *position*. Est historique tout fait qu'on ne peut plus observer directement parce qu'il a cessé d'exister. Il n'y a pas de caractère historique inhérent aux faits, il n'y a d'historique que la façon de les connaître. L'histoire n'est pas une science, elle n'est qu'un procédé de connaissance" [SEIGNOBOS, 1901, p. 3] (PROST, 1994, p. 108).

Quanto à Anatole France, gostaria de destacar novamente sua visão bastante realista quanto à história e sua capacidade de construir o conhecimento. France não era da opinião que a história fosse uma ciência, como já apontamos, por não ser objetiva e pela incerteza de seu método e de suas fontes, mas uma arte, em que a imaginação e a narrativa desempenham papéis importantes. A própria teoria darwiniana teria considerável influência sobre o escritor e "independente das dúvidas que tinha a respeito dessa doutrina, France assimilou, a partir dela, a ideia de que o homem não pode ser considerado fora do contexto universal, do qual ele é apenas um aspecto" (FRAGA, 2007, p. 73). Desta forma, a história do homem sempre estaria ligada a uma história universal. O que perpassa todo o seu pensamento é a crença na relatividade e contingência do conhecimento humano, característica de seu ceticismo, mas também de um pessimismo quanto ao que se considerava a evolução da humanidade e uma busca pela verdade. Daí sua inclinação à arte, ao belo, àquilo que pode de alguma forma elevar a vida: para o escritor haveria "apenas uma possibilidade de o homem suportar a maldição irremediável que pesa sobre sua natureza: a criação da beleza por meio de nossa inteligência, que é, concomitantemente, nossa tortura e nossa salvação" (FRAGA, 2007, p. 74).

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Milene Suzano. *Humanismo satírico em Lima Barreto e Anatole France*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BANCQUART, Marie-Claire. *Anatole France: Un sceptique passionné*. Paris: Calmann-Lévy, 1984.

BANCQUART, Marie-Claire. *Anatole France*. Paris: Julliard, 1994.

BÉDARIDA, François. Histoire et mémoire chez Péguy. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 73, p. 101-110, 2002.

BENTIVOGLIO, Julio. *História & distopia*. Serra: Milfontes, 2017.

BRULEY, Pauline. Les impostures de l'histoire dans L'île des Pingouins d'Anatole France *In*:

BRULEY, Pauline. *L'imposture dans la littérature: Cahier XXXIV*. Angers: Presses universitaires de Rennes, 2011.

CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, São Leopoldo - RS, v. 08, n.10, p. 11-34, 2004.

FALCON, Francisco. "Historicismo": a atualidade de uma questão aparentemente inatual. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 5-26, 1997.

FOUCAULT, Michel. Introdução. *In*: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 1-21.

FRAGA, Denise. *Um parágrafo de história na literatura francesa: a representação do Caso Dreyfus em L'île des pingouins, de Anatole France*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

FRANCE, Anatole. *L'île des pingouins*. Paris: Calmann-Lévy, 1909. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k66343r>. Acesso em 28 abr. 2018.

HARTOG, François. Un genre nouveau ou un document d'un nouveau genre? *Le Débat*, n. 49, p. 127-129, 1988.

HARTOG, François. O tempo desorientado: tempo história "Como escrever a história da França?". *Anos 90*, Porto Alegre, n. 7, p. 7-28, jul. 1997.

HARTOG, François. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. *Revista de História*, São Paulo, n. 148, p. 9-34, 2003.

- HARTOG, François. Tempos do mundo, história, escrita da história. *In*: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 15-25.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- HARTOG, François. Vers une nouvelle condition historique. *Le Débat*, n. 188, p. 169-180, 2016.
- HARTOG, François. *Crer em história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo*. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- LAS HERAS, Ignacio Iñarrea. La Révolte des Anges de Anatole France: sentido de la historia y sentido de la vida. *Cuadernos de Investigación Filológica*, La Rioja, España, v. 23-24, p. 115-138, 1997.
- LE GOFF, Marcel. *Anatole France à La Béchellerie - Propos et souvenirs, 1914-1924*. Paris: Éditions Léo Delteil, 1924.
- MARTINS, Estevão de Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. *In*: ARAÚJO, Valdei Lopes de; VARELLA, Flávia Florentino; MOLLO, Helena Miranda; MATA, Sérgio Ricardo da. (org.). *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008, p. 15-48.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre história*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2005.
- PROST, Antoine. Charles Seignobos revisité. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, Paris, n. 43, p. 100-118, jul.-set. 1994.
- RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2007.
- SEILLIÈRE, Ernest. *Anatole France, critique de son temps*. Paris: Éditions de la Nouvelle Revue Critique, 1934.
- SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Bauru: EDUSC, 2003.
- TENDRON, Edith. *Anatole France inconnu*. Liège: Editions du CÉFAL, 1995.

TREVELYAN, George M. *Clio: a muse, and other essays literary and pedestrian*. London: Longmans, Green and Co., 1913, p. 1-55.